GALERIA PEDRO OLIVEIRA

CALÇADA DE MONCHIQUE, 3 TEL +351 222 007 131 EMAIL: galpo@mail.telepac.pt
4050-393 PORTO PORTUGAL FAX +351 222 002 334 www.galeriapedrooliveira.com

PRESS-RELEASE
17 de Setembro de 2007

MARCO PIRES
DISPLACEMENT MAPS

29 SET - 27 OUT 2007

INAUGURAÇÃO SEXTA 28 SET 22H

TERÇA - SÁBADO 15-20H

Not only is it easy to lie with maps, it's essential. To portray meaningful relationships for a complex, three-dimensional world on a flat sheet of paper or a video screen, a map must distort reality. (...) To avoid hiding critical information in a fog of detail, the map must offer a selective, incomplete view of reality. There's no escape from the cartographic paradox: to present a useful and truthful picture, an accurate map must tell white lies. (...)

Mark Monmonier in "*How to lie with maps*"

A exposição *Displacement Maps* articula várias linhas de acção e diversos meios de expressão que se agregam na investigação contínua que Marco Pires tem vindo a efectuar sobre a cartografia, específicamente sobre o conceito de mapa e a sua relação interdisciplinar com as noções de representação, em constante mutação, que definem a prática da arte visual contemporânea.
A Marco Pires interessa a analogia entre representações cartográficas e pintura, assim como a identificação do erro e da ficção, na representação e interpretação da paisagem, como são definidos por Mark Monmonier no livro "How to lie with maps", e que preconiza a impossibilidade de chegar á realidade em si. É a partir desta impossibilidade que se torna exequível o processo de mediação artística de Marco Pires.
As suas obras nascem de uma actividade processual de distanciamento que obedece a várias etapas; investigação; selecção de imagens impressas ou digitais cartográficas, nomeadamente cidades com tramas complexas e de natureza ortogonal, levantamentos de terreno natural ou ordenamento de território, em seguida e através da sua intervenção por meios que envolvem a fotografia, a projecção, a elaboração de máscaras e modelos tridimensionais, as imagens sofrem um deslocamento, refutação e descontextualização formal das convenções da disciplina (ex: de escala ou perspectiva). O deslocamento é depois acentuado e efectivado sobre novos suportes como o vidro, o alumínio, o papel, a tela ou impressões fotográficas.
É no momento de intervenção final que os factores de erro e falsidade são mimetizados e adquirem uma conotação de critica para com os sistemas de representação da realidade. O imprevisto na sua actuação reflecte-se e decide a estrutura das obras. É através da acumulação de tinta de densidades e tonalidades variáveis, do rebatimento de planos, da justaposição de estruturas, da incerteza das formas, que a política da imagem se afasta da representação objectiva e deixa de ser paisagem ou apenas abstracção para se tornar num local estratégico de concepção e produção artística. Dilatam-se desta forma as possibilidades de interpretação e tradução de um espaço e do visível.
Na leitura das suas obras denota-se um jogo complexo da relação entre as várias tradições artísticas de representação, a crítica de arte e a utilização do terreno ou desenvolvimento urbano do ponto de vista político-económico.
Os seus trabalhos não só referenciam premissas acerca do espaço físico mas reflectem também princípios de um espaço social (espaço social enquanto espaço de produção de cultura, civilização e constituição do meio ambiente). Conceptualmente e tendo em conta o processo formal de reflexão e descontextualização que sofrem as imagens, é visível uma dimensão de critica politica e social nas suas obras, presente em disciplinas degenerativas da Geografia, nomeadamente a Geopolítica ou a Psicogeografia.
A psicogeografia define-se como o estudo das leis precisas e dos efeitos específicos do ambiente geográfico, organizado conscientemente ou não, sobre as emoções e comportamentos dos indivíduos. É relevante introduzir o conceito de "dérive" enunciado por Guy Debord; numa "dérive" uma ou mais pessoas, durante um certo período de tempo, esquecem os motivos habituais para o movimento ou acção, as suas relações, o seu trabalho, as suas actividades de lazer e deixam-se motivar pelas atracções do terreno e encontros inesperados. A premissa fundamental da deriva é a de que os indivíduos devem explorar o ambiente urbano que os rodeia sem preconceitos impostos e de forma criativa afim de compreender mais conscientemente o espaço que habitam e consequentemente a sua existência. Não se recomenda o auxilio de um mapa na deriva por *Displacement Maps*.

Susana Gaudêncio, Setembro 2007

Para imagens ou mais informações, contacte Nuno Lapa através dos contactos da Galeria Pedro Oliveira ou [+351] 91 849 47 94